

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE BIOLOGIA

JANAÍNA APARECIDA BENTO

**DIVERSIDADE E ORIGEM DAS ESPÉCIES VEGETAIS UTILIZADAS EM
TERREIROS DE UMBANDA EM MINAS GERAIS, BRASIL**

UBERLÂNDIA

2026

JANAÍNA APARECIDA BENTO

**DIVERSIDADE E ORIGEM DAS ESPÉCIES VEGETAIS UTILIZADAS EM
TERREIROS DE UMBANDA EM MINAS GERAIS, BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Biologia da Universidade
Federal de Uberlândia como requisito
obrigatório para integralização curricular da
Licenciatura em Ciências Biológicas.

Área de concentração: Ensino de Ciências e
Biologia

Orientadora: Professora Dra. Diana Salles
Sampaio.

UBERLÂNDIA

2026

AGRADECIMENTOS

Começo curvando-me em gratidão a Deus e aos Orixás, forças supremas que me capacitaram, ampararam e nunca deixaram faltar luz no meu caminho. A vocês devo a vida, a saúde, a força para resistir ao cansaço e a coragem de não desistir quando tudo parecia pesado. Cada passo dado foi guiado por sua proteção e encorajamento, sem a vossa presença divina, este sonho jamais se tornaria realidade.

À minha querida amiga Valleska Vieira: palavras seriam poucas para agradecer o que você fez por mim. Não foi apenas uma mão estendida, foi o seu corpo inteiro, sua alma generosa, sua disposição de estar ao meu lado, auxiliando, acolhendo e dividindo as dificuldades. Sua amizade foi um refúgio seguro, e sua dedicação gravou-se para sempre no meu coração.

À minha família, meu alicerce inabalável! Obrigada por compreender minhas ausências, por suportar meus dias de correria e tarefas intensas, por me dar descanso quando eu já não tinha forças. Especialmente à minha mãe: seu amor incondicional, seu olhar de fé e seu cuidado terno foram o alicerce que me sustentou nos momentos mais frágeis, você é meu amor maior e minha raiz mais forte.

Aos meus filhos Guilherme Henrique e Giovanna Luísa, razão de tudo o que faço! Saber que vocês acreditam em mim e sentem orgulho da minha caminhada foi o combustível que reacendeu minha esperança todos os dias, mesmo nos mais exaustivos. Este trabalho é dedicado a vocês: cada conquista é uma vitória nossa, um exemplo de luta e superação que construo com amor, para sempre brilhar ao lado de vocês.

À professora orientadora Diana: minha gratidão profunda por toda a paciência infinita, o carinho com que me acolheu, a escuta sensível e a orientação segura. Você não só compartilhou conhecimento, como me deu confiança, me mostrou o meu valor e caminhou comigo com ternura e dedicação, sua presença tornou esse aprendizado muito mais bonito e significativo.

E, com o coração transbordando de alegria, agradeço a toda essa rede de apoio e amizades lindas que a vida me deu durante esse percurso. Cada abraço, cada palavra de incentivo, cada companhia sincera teceu uma rede de amor e força que me segurou, me fez mais forte e tornou essa jornada muito mais doce e inesquecível.

Hoje vejo que este trabalho não é só meu: é fruto de fé, de amor, de amizade verdadeira e de mãos que se uniram para me ajudar a chegar até aqui. A todos vocês, minha gratidão eterna e todo o meu amor!

RESUMO

As plantas são elemento fundamental na Umbanda, uma religião genuinamente brasileira que cruza tradições de religiões africanas, do kardecismo, do catolicismo e dos povos originários do Brasil. Assim, este trabalho teve como objetivo realizar um levantamento bibliográfico das espécies vegetais utilizadas em terreiros de Umbanda em Minas Gerais, classificá-las quanto à origem e levantar informações sobre a introdução daquelas espécies que são exóticas no Brasil. Foram realizadas buscas nas bases Google Acadêmico e SciELO, sendo selecionados estudos que apresentavam listagens de plantas utilizadas em terreiros de Umbanda no estado. Para a identificação e classificação das espécies, foram consultados os sites Flora do Brasil/Reflora e Plants of the World Online. Foram encontrados apenas artigos que traziam dados da Umbanda juntamente aos de outras religiões de matriz africana. Foram identificadas 129 espécies vegetais, sendo 53 nativas e 76 exóticas. Foi observado o compartilhamento de espécies entre diferentes regiões e tradições religiosas, indicando a importância dos vínculos culturais na escolha das plantas utilizadas. Entre as espécies nativas, destacaram-se aquelas associadas aos biomas Mata Atlântica e Cerrado, enquanto, entre as exóticas, a Ásia apresentou o maior número de espécies, com 43 registros, seguida pela África, com 31. A maior parte das espécies asiáticas estava relacionada a usos alimentares e medicinais, enquanto as espécies de origem africana apresentaram maior relação com usos religiosos. Este levantamento para o estado de Minas Gerais apresentou um maior número de plantas exóticas do que o realizado para terreiros de religiões de matriz africana para todo o território nacional. Os resultados evidenciam a escassez de estudos específicos sobre as plantas utilizadas na Umbanda em Minas Gerais e mostram que, nos trabalhos encontrados, diferentes tradições religiosas são frequentemente tratadas em conjunto, dificultando o conhecimento sobre as plantas próprias de cada tradição.

Palavras-chave: Etnobotânica. Introdução de espécies exóticas. Plantas ritualísticas. Terreiro de Umbanda.

ABSTRACT

Plants are a fundamental element in Umbanda, a genuinely Brazilian religion that blends traditions from African religions, Kardecism, Catholicism, and the indigenous peoples of Brazil. Thus, this work aimed to conduct a bibliographic survey of the plant species used in Umbanda terreiros in Minas Gerais state, classify them according to their origin, and gather information on the introduction of those species that are exotic to Brazil. Searches were conducted in the Google Scholar and SciELO databases, selecting studies that presented lists of plants used in Umbanda terreiros in the state. For the identification and classification of the species, the websites Flora do Brasil/Reflora and Plants of the World Online were consulted. Only articles that included data on Umbanda along with other African matrix religions were found. 129 plant species were identified, with 53 being native and 76 exotic. The sharing of species between different regions and religious traditions was observed, indicating the importance of cultural ties in the choice of plants used. Among the native species, those associated with the Atlantic Forest and Cerrado biomes stood out, while among the exotic species, Asia presented the highest number of species, with 43 records, followed by Africa, with 31. Most of the Asian species were related to food and medicinal uses, while the species of African origin showed a greater connection to religious uses. This survey for the state of Minas Gerais presented a higher number of exotic plants than the one conducted for terreiros of African matrix religions across the entire national territory. The results highlight the scarcity of specific studies on the plants used in Umbanda in Minas Gerais and show that, in the works found, different religious traditions are often treated together, making it difficult to understand the plants specific to each tradition.

Keywords: Ethnobotany. Introduction of exotic species. Ritualistic plants. Umbanda Temple.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	01
2 METODOLOGIA	02
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	04
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	13
5 REFERÊNCIAS	14
ANEXO I	16

1. INTRODUÇÃO

A Umbanda apresenta-se como um fenômeno religioso brasileiro de sincretismo que emerge nas primeiras décadas do século XX, quando Zélio Fernandino de Moraes tornou pública a criação de um culto que reuniria elementos do Candombé, do Catolicismo, do Kardecismo, além de agregar elementos ameríndios de Pajelança (Penteado, 2015). Infelizmente, as religiões de matriz africana sempre foram vítimas do racismo estrutural, que se dá através da perseguição, da destruição dos terreiros e da negação do valor cultural dessas religiões, fazendo com que muitos de seus praticantes escondam seus saberes ou abstenham-se de praticar abertamente os rituais (Santos, 2010). Eleotério e Bonomo (2024), verificaram que as principais marcas identitárias da Umbanda são os laços familiares, a partilha do templo (terreiro), a presença marcante da mãe/pai “chefe da casa”, a formação continuada dos membros, o respeito às outras crenças, a consciência do preconceito que lhe é direcionado e a valorização da mediunidade como distinção religiosa. Sendo assim, as comunidades de terreiro são espaços de resistência cultural e racial, onde conhecimentos são transmitidos oralmente, pela prática cotidiana, pela convivência entre gerações e pela experiência de vida (Gomes; Dantas; Catão, 2008).

Nos terreiros de Umbanda, o vínculo entre humanos e divindades se estabelece por meio de cânticos, danças, incorporações mediúnicas e, principalmente, pela mediação de plantas (Penteado, 2015). A importância das ervas na Umbanda é tal que o próprio processo de se tornar médium significa tornar-se íntimo das plantas (Carlessi, 2017). O conceito de planta ritual não contempla vegetais utilizados meramente pelo efeito fitoterápico/fitossanitário, mas sim pelo simbolismo carregado e pela possibilidade de intermediar o contato com o transcendente (Carlessi, 2015). Os adeptos creem que as plantas têm personalidade espiritual determinada pela energia do orixá e axé, isto é, a força vital que cura o corpo e harmoniza o espírito, e são empregadas em banhos de descarrego, em chás, em defumações, em unguentos e nas indumentárias ritualísticas (Penteado, 2015; Carlessi, 2017; Pagnocca; Zank; Hanazaki, 2020).

O interesse por esse tema nasceu de uma discussão sobre a utilização de plantas medicinais na Umbanda em uma disciplina da graduação que foi de encontro com minha trajetória pessoal como mulher preta, associada a um terreiro de Umbanda. Ao vivenciar uma situação de saúde delicada, decorrente de uma infecção na perna que evoluiu para um quadro de septicemia, apresentei ulcerações, cuja evolução dificultava a cicatrização e tornava o processo de recuperação especialmente difícil. Foi nesse contexto que uma corrente de amigos também ligados à Umbanda se uniu em oração e passou a realizar, paralelamente aos cuidados

hospitais, algumas práticas relacionadas ao uso de plantas e outros elementos. Com isso, percebi mudanças positivas em minha condição de saúde até a alta hospitalar. Essa experiência não foi compreendida por mim como uma substituição ao tratamento médico recebido, mas como uma vivência que despertou uma nova percepção sobre os saberes relacionados às plantas e sobre a relação que as pessoas estabelecem com elas.

Essa experiência me levou à reflexão de que as espécies de plantas utilizadas pela Umbanda não estão presentes nos terreiros apenas como elementos materiais, mas fazem parte de uma relação que envolve cultura, memória, espiritualidade e transmissão de conhecimentos entre gerações. É sabido que as pessoas escravizadas, através das relações de proximidade com indígenas e colonizadores, passaram a conhecer a flora local e exótica, e estabeleceram o intercâmbio de espécies vegetais e o uso de substâncias com efeitos semelhantes para aquelas que não existiam no novo território (Albuquerque *et al.*, 2005).

Um estudo sobre espécies vegetais utilizadas no Candomblé, na Umbanda e no Ritual de Almas e Angola na Ilha de Santa Catarina registraram 86 espécies pertencentes a 37 famílias, revelando que as famílias Lamiaceae, Asteraceae, Poaceae e Rutaceae são as mais citadas e que 42% das espécies são utilizadas medicinalmente, 32% liturgicamente e 26% em ambos os casos (Pagnocca; Zank; Hanazaki, 2020). Segundo os mesmos autores, das 86 espécies, 32 têm origem neotropical, 45 possuem origem euro-asiática e apenas nove são de origem africana, sendo que o processo de manutenção do uso de plantas africanas é mais forte no contexto de rituais litúrgicos do que para problemas físicos específicos.

Com o exposto, surgiram as seguintes questões: Quais são as plantas utilizadas nos terreiros de Minas Gerais e qual a proporcionalidade entre espécies nativas e exóticas? Quais informações estão disponíveis sobre a introdução das espécies exóticas no Brasil? Dessa forma, visando a valorização desses saberes que, muitas vezes, são desconsiderados ou colocados à margem diante de uma perspectiva de conhecimento predominantemente orientada por interesses econômicos, foi realizado um levantamento bibliográfico das plantas empregadas em terreiros de Umbanda em Minas Gerais, Brasil, as quais foram classificadas como nativas ou exóticas. Além disso, buscou-se compreender, no caso das espécies exóticas, qual a história de introdução dessas plantas no Brasil.

2. METODOLOGIA

Segundo Marconi e Lakatos (2017), uma pesquisa bibliográfica envolve oito etapas. A escolha do tema, que levou em consideração a identidade com o tema escolhido e a viabilidade

de abrangência de acordo com o tempo disponível para a pesquisa. A elaboração do plano de trabalho, quando se definiu o problema a ser investigado e se delimitou as etapas da investigação. As etapas de identificação, localização e compilação, que consistiram na seleção das bases de dados a serem investigadas, os termos buscados para atingir o objetivo da pesquisa e a busca ativa pelos trabalhos de interesse. O fichamento, que consistiu na elaboração de uma tabela com as espécies vegetais presentes nos trabalhos selecionados. A análise dos dados, que consistiu na avaliação do nome válido para cada espécie de planta, na eliminação de repetições dada a presença de uma espécie com nomes científicos distintos, dando a entender que se tratava de espécies diferentes e da contagem de espécies geral e pertencente a cada trabalho analisado. A etapa de interpretação, que consistiu na verificação da origem das espécies e comparação com estudos relacionados. E a etapa final de redação do presente trabalho.

As etapas de identificação, localização e compilação da pesquisa bibliográfica foi realizada através de buscas nas bases de dados Google Acadêmico e Scielo. Foram consideradas apenas publicações de artigos científicos. Foram consultados os 100 artigos mais relevantes segundo o algoritmo do Google Acadêmico e todos os artigos do Scielo. As palavras-chave utilizadas para busca foram: espécies * plantas * Umbanda * Minas Gerais * MG.

Foram encontrados apenas três artigos científicos nas bases de dados analisadas que apresentam listagens de plantas utilizadas em terreiros de Umbanda no estado de Minas Gerais. Entretanto, nenhum deles apresentou dados exclusivamente para a Umbanda, estando sempre mesclados a dados de outras religiões de matriz africana. Desses, o trabalho de Pinheiro, Povh e Calábria (2021) foi desconsiderado, pois embora apresente um levantamento bibliográfico que apresenta plantas utilizadas em terreiros de Umbanda, foram listadas plantas de outros estados ou sem referência ao estado de origem.

Durante a realização do fichamento, para cada espécie de planta foi indicado o nome popular, o nome científico, a família botânica, a origem (nativa ou exótica), e a indicação da região de origem. Ao realizar o fichamento e análise dos dados, foi realizada a conferência dos nomes científicos das espécies, quando ocorreu a eliminação de repetições de uma mesma espécie que constava com diferentes nomes científicos, além do ajuste de sinônimos botânicos. A fim de verificar os nomes científicos aceitos atualmente, as sinonímias e a distribuição das espécies brasileiras, foi utilizado o site Flora do Brasil/Reflora (<https://floradobrasil.jbrj.gov.br/consulta/#CondicaoTaxonCP>), enquanto para as espécies exóticas foi utilizado o site Plants of the World Online (<https://powo.science.kew.org/>). Quando houve divergência entre os sites sobre a espécie ser nativa do Brasil, a origem foi indicada como

“nativa/naturalizada?”. Isso ocorreu devido a algumas espécies consideradas nativas pelo Plants of the World Online, aparecerem como naturalizadas no Flora do Brasil, ou seja, uma indicação de que a espécie possui origem exótica, mas se adaptou bem ao clima nacional, muitas vezes sendo confundida com espécies nativas.

Para a interpretação dos dados, a fim de coletar informações disponíveis sobre a introdução das plantas exóticas no Brasil foi realizada uma busca em diferentes fontes de dados (Anexo I). A origem das espécies nativas foi apresentada por Bioma (Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa e Pantanal), de acordo com o Plano de Ação em Ciência, Tecnologia e Inovação para os Biomas Brasileiros (BRASIL, 2018). Alguns registros mencionam mais de um bioma (por exemplo, “Amazônia, Caatinga e Cerrado”) e, nesses casos, a espécie foi contada em todos os biomas listados. Enquanto a origem das espécies exóticas foi apresentada por continente (África, América Central, do Norte e do Sul, excetuando-se o Brasil, Ásia, Europa e Oceania). Quando uma espécie tinha origem em mais de um continente, ela foi contabilizada em todos os continentes envolvidos. Mais especificamente, quando a espécie possuía origem no mediterrâneo, essa foi atribuída à África, Ásia e Europa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Infelizmente, verificou-se que não há publicações específicas para a Umbanda no estado de Minas Gerais, de forma que nossos dados acabaram por apresentar uma mescla entre plantas da Umbanda e do Candomblé. Dos dois artigos selecionados para análise, o estudo de Carvalho *et al.* (2015) foi realizado na Zona da Mata de Minas Gerais, através de entrevistas em 12 terreiros de Umbanda e Candomblé, registrando 89 espécies vegetais (após serem desconsideradas espécies com nomes repetidos ou equivocados). Os autores não separaram os dados exclusivos da Umbanda, ressaltando as espécies vegetais mais citadas e seus principais usos. Já Alves, Povh e Portuguese (2019), desenvolveram um estudo no município de Ituiutaba (Triângulo Mineiro), com entrevistas e observação direta em um terreiro de matriz africana. Embora haja indícios de que o referido terreiro seja de Candomblé, o artigo se refere a ambas as tradições, Umbanda e Candomblé. O trabalho registrou o uso de 50 espécies vegetais (após serem desconsideradas espécies com nomes repetidos ou equivocados), além de identificar a frequência de citação de cada espécie e seus usos. Consideramos que o presente levantamento foi satisfatório, uma vez que Romanowski e Hanazaki (2025), em amplo levantamento de plantas de terreiro para o território nacional, apresentam para o estado de Minas Gerais apenas

os três artigos encontrados em nosso estudo, embora os autores tenham desconsiderado alguns trabalhos da região da Mata Atlântica.

Houve apenas dez espécies coincidentes entre os dois artigos analisados, apontando uma diferença bastante significativa entre a investigação realizada para a Zona da Mata, localizada em uma região de Mata Atlântica, e o Triângulo Mineiro, localizado em uma região de Cerrado. Entretanto, não há diferença no número de espécies do Cerrado e da Mata Atlântica entre os trabalhos, ambos com cerca de 20% das espécies nativas originárias de cada um desses Biomas (Tabela 1). No conjunto analisado, após a conferência completa, eliminação de repetições e ajuste de sinônimos botânicos, foram identificadas 129 espécies vegetais, classificadas quanto à origem em nativas do Brasil ou exóticas (Tabela 1). Desse total, 53 espécies são nativas, correspondendo a 41,1% do total analisado. As espécies exóticas somaram 76 registros, representando cerca de 58,9% do total. Os dados indicam predominância de espécies exóticas no levantamento, embora as espécies nativas também tenham presença expressiva.

Tabela 1: Espécies vegetais utilizadas em terreiros de Umbanda no estado de Minas Gerais, MG, Brasil. Nome popular, nome científico, família botânica, origem nativa ou exótica, bioma ou região de origem e fonte dos dados.

#	Nome popular	Nome científico	Família	Origem (N/E)	Bioma/região de origem	Fonte
1	abacate	<i>Persea americana</i>	Lauraceae	Exótica	América Central (México)	[1]
2	abre-caminho	<i>Lygodium volubile</i>	Lygodiaceae	Nativa	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	[1]
3	acoco-africano	<i>Newbouldia laevis</i>	Bignoniaceae	Exótica	África Ocidental	[2]
4	agoniara	<i>Himatanthus bracteatus</i> (sin. <i>Plumeria lancifolia</i>)	Apocynaceae	Nativa	Mata Atlântica	[1]
5	agrião	<i>Rorippa nasturtium-aquaticum</i> (sin. <i>Nasturtium officinale</i>)	Brassicaceae	Exótica	África, Ásia, Europa	[1]
6	alecrim	<i>Salvia rosmarinus</i> (sin. <i>Rosmarinus officinalis</i>)	Lamiaceae	Exótica	Mediterrâneo (África, Ásia, Europa)	[1]
7	alecrim-do-campo	<i>Baccharis dracunculifolia</i>	Asteraceae	Nativa	Cerrado, Mata Atlântica, Pampa	[1]
8	alface	<i>Lactuca sativa</i>	Asteraceae	Exótica	Ásia	[1]
9	alface-d'água/ erva-de-santa-luzia	<i>Pistia stratiotes</i>	Araceae	Nativa	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	[2]
11	alfazema	<i>Lavandula angustifolia</i>	Lamiaceae	Exótica	Europa	[1]
12	alfazema-brasileira/erva-santa	<i>Aloysia gratissima</i>	Verbenaceae	Nativa	Cerrado, Mata Atlântica, Pampa	[2]
13	algodão	<i>Gossypium hirsutum</i>	Malvaceae	Exótica	América Central (México), Norte da América do Sul	[1]
14	alho-roxo	<i>Allium sativum</i>	Amaryllidaceae	Exótica	Ásia	[1]
15	amora	<i>Morus nigra</i>	Moraceae	Exótica	Ásia	[1] [2]
16	angélica	<i>Polianthes tuberosa</i>	Asparagaceae	Exótica	América Central (México)	[1]
18	arnica-do-campo	<i>Solidago chilensis</i>	Asteraceae	Nativa	Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa	[2]
19	aroeira	<i>Schinus terebinthifolia</i>	Anacardiaceae	Nativa	Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa	[1]
20	arruda	<i>Ruta graveolens</i>	Rutaceae	Exótica	Europa	[1] [2]
21	assape	<i>Paspalum fimbriatum</i>	Poaceae	Nativa	Caatinga, Cerrado	[1]
22	assa-peixe	<i>Vernonanthura polyanthes</i> (sin. <i>Vernonia polyanthes</i>)	Asteraceae	Nativa	Cerrado, Mata Atlântica	[1]
23	babosa	<i>Aloe vera</i>	Asphodelaceae	Exótica	Ásia (Península Arábica)	[1]
24	bálsamo	<i>Cotyledon orbiculata</i>	Crassulaceae	Exótica	Sul da África	[1]
25	bananeira	<i>Musa sp.</i>	Musaceae	Exótica	Ásia, Oceania	[2]
26	batata-doce	<i>Ipomoea batatas</i>	Convolvulaceae	Exótica	América Central (México), Norte da América do Sul	[1] [2]
27	boldo	<i>Peumus boldus</i>	Monimiaceae	Exótica	Chile	[1]

#	Nome popular	Nome científico	Família	Origem (N/E)	Bioma/região de origem	Fonte
28	boldo-graúdo/falso-boldo	<i>Coleus amboinicus</i> (sin. <i>Plectranthus amboinicus</i>)	Lamiaceae	Exótica	África, Ásia	[2]
29	boldo-miúdo/boldo-rasteiro	<i>Coleus comosus</i> (sin. <i>Plectranthus ornatus</i>)	Lamiaceae	Exótica	África	[2]
30	bucha-vegetal	<i>Luffa aegyptiaca</i>	Cucurbitaceae	Exótica	Ásia	[2]
31	buta	<i>Aristolochia esperanzae</i>	Aristolochiaceae	Nativa	Cerrado	[1]
33	cajá-manga	<i>Spondias dulcis</i>	Anacardiaceae	Exótica	Ásia, Oceania	[2]
34	calanchoê/saião	<i>Kalanchoe crenata</i> (sin. <i>Kalanchoe brasiliensis</i>)	Crassulaceae	Exótica	África	[2]
35	cana-de-macaco/cana-do-brejo	<i>Costus spicatus</i>	Costaceae	Exótica	América Central	[1] [2]
36	cana-miúda	<i>Matricaria chamomilla</i> (sin. <i>Matricaria recutita</i>)	Asteraceae	Exótica	África, Ásia, Europa	[1]
37	canela	<i>Cinnamomum verum</i> (sin. <i>Cinnamomum zeylanicum</i>)	Lauraceae	Exótica	Ásia (Sri Lanka)	[1]
38	capiçova	<i>Erechtites valerianifolius</i>	Asteraceae	Nativa	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	[1]
39	capim-cidreira/capim-limão	<i>Cymbopogon citratus</i>	Poaceae	Exótica	Ásia	[2]
40	cará-do-ar/cará-moela	<i>Dioscorea bulbifera</i>	Dioscoreaceae	Exótica	África, Ásia, Oceania	[2]
41	carqueja	<i>Baccharis trimera</i>	Asteraceae	Nativa	Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa	[1]
42	carrapichinho	<i>Acanthospermum australe</i>	Asteraceae	Nativa	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	[1]
43	chapéu-de-couro	<i>Echinodorus grandiflorus</i>	Alismataceae	Nativa	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa	[1]
44	cinamomo/para-raio	<i>Melia azedarach</i>	Meliaceae	Exótica	Ásia, Oceania	[2]
45	cipó-caboclo (milongo)	<i>Davilla rugosa</i>	Dilleniaceae	Nativa	Amazônia, Mata Atlântica	[1]
46	cipó-carijó	<i>Peritassa calypsoides</i> (sin. <i>Salacia sylvestris</i>)	Celastraceae	Nativa	Mata Atlântica	[1]
47	cipó-funcho/ funcho	<i>Foeniculum vulgare</i>	Apiaceae	Exótica	Mediterrâneo (África, Ásia, Europa)	[1]
48	cipó-mil-homens	<i>Aristolochia cymbifera</i> ou <i>A. triangularis</i> (correspondem a <i>A. zeylanica</i>)	Aristolochiaceae	Nativa	Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica	[1]
49	cipó-são-caetano	<i>Momordica charantia</i>	Cucurbitaceae	Exótica	África, Ásia, Oceania	[1]
50	cipó-são-jão	<i>Pyrostegia venusta</i>	Bignoniaceae	Nativa	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	[1]
51	colônia	<i>Alpinia zerumbet</i> (sin. <i>Alpinia speciosa</i>)	Zingiberaceae	Exótica	Ásia (Sudeste Asiático)	[2]

#	Nome popular	Nome científico	Família	Origem (N/E)	Bioma/região de origem	Fonte
52	comigo-ninguém-pode	<i>Dieffenbachia seguine</i> (sin. <i>Dieffenbachia amoena</i>)	Araceae	Nativa	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	[1] [2]
53	confrei	<i>Symphytum officinale</i>	Boraginaceae	Exótica	Ásia, Europa	[1]
54	copaíba	<i>Copaifera langsdorffii</i> (<i>Copaifera officinalis</i>)	Fabaceae	Nativa	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	[1]
55	coqueiro	<i>Cocos nucifera</i>	Arecaceae	Exótica	Ásia, Oceania	[1]
56	coquinho-de-cachorro	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	Arecaceae	Nativa	Cerrado, Mata Atlântica, Pampa	[1]
57	cravo	<i>Syzygium aromaticum</i> (sin. <i>Eugenia caryophyllata</i>)	Myrtaceae	Exótica	Oceania	[1]
58	cura-tombo	<i>Sphagneticola trilobata</i> (sin. <i>Wedelia paludosa</i>)	Asteraceae	Nativa	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	[1]
59	dama-da-noite	<i>Epiphyllum phyllanthus</i>	Cactaceae	Nativa	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal	[1]
60	dendezeiro	<i>Elaeis guineensis</i>	Arecaceae	Exótica	África	[2]
61	elevente/alevante	<i>Mentha spicata</i>	Lamiaceae	Exótica	África, Ásia, Europa	[1]
62	erva-capitão/abêbé	<i>Polyscias scutellaria</i>	Araliaceae	Exótica	Ásia	[2]
63	erva-cidreira	<i>Melissa officinalis</i>	Lamiaceae	Exótica	Mediterrâneo (África, Ásia, Europa)	[1]
64	erva-da-jurema	<i>Mimosa tenuiflora</i> (sin. <i>Mimosa hostilis</i>)	Fabaceae	Nativa	Caatinga, Cerrado	[1]
68	espada-de-santa-bárbara	<i>Dracaena zeylanica</i> (sin. <i>Sansevieria zeylanica</i>)	Asparagaceae	Exótica	Ásia	[2]
67	espada-de-são-jorge	<i>Dracaena trifasciata</i> (sin. <i>Sansevieria trifasciata</i>)	Asparagaceae	Exótica	África	[1] [2]
69	espinheira/joazeiro	<i>Solanum aculeatissimum</i>	Solanaceae	Nativa	Mata Atlântica, Pampa	[2]
70	espinheira-santa	<i>Monteverdia ilicifolia</i> (sin. <i>Maytenus ilicifolia</i>)	Celastraceae	Nativa	Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	[1]
71	estrelinha-do-brejo	<i>Hedychium coronarium</i>	Zingiberaceae	Exótica	Ásia	[1]
72	eucalipto	<i>Eucalyptus</i> sp.	Myrtaceae	Exótica	Oceania	[1]
32	falsa murta/cafezeira	<i>Murraya paniculata</i>	Rutaceae	Exótica	Ásia, Oceania	[2]
17	fava-de-aridan	<i>Tetrapleura tetraptera</i>	Fabaceae	Exótica	África	[2]
73	fedegoso	<i>Senna occidentalis</i>	Fabaceae	Nativa	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal	[1]
74	feijão-guandu	<i>Cajanus cajan</i>	Fabaceae	Exótica	Ásia	[1]
75	folha-capeva	<i>Piper peltatum</i> (sin. <i>Pothomorphe peltata</i>)	Piperaceae	Nativa	Amazônia, Cerrado	[1]
76	folha-da-fortuna/saião	<i>Kalanchoe brevicalyx</i> (sin. <i>Bryophyllum pinnatum</i>)	Crassulaceae	Exótica	África (Madagascar)	[1] [2]
77	folha-santa	<i>Kielmeyera speciosa</i>	Clusiaceae	Nativa	Cerrado	[1]

#	Nome popular	Nome científico	Família	Origem (N/E)	Bioma/região de origem	Fonte
78	fumo	<i>Nicotiana tabacum</i>	Solanaceae	Exótica	Bolívia	[1]
79	gameleira-branca/figueira-brava	<i>Ficus gomelleira</i>	Moraceae	Nativa	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	[2]
80	gengibre	<i>Zingiber officinale</i>	Zingiberaceae	Exótica	Ásia	[2]
81	girassol	<i>Helianthus annuus</i>	Asteraceae	Exótica	América do Norte, América Central	[1]
82	goiabeira	<i>Psidium guajava</i>	Myrtaceae	Exótica	Peru	[2]
83	guaco	<i>Mikania glomerata</i>	Asteraceae	Nativa	Cerrado, Mata Atlântica, Pampa	[1]
84	guiné	<i>Petiveria alliacea</i> (sin. <i>Petiveria tetrandra</i>)	Petiveriaceae	Nativa/Naturalizada?	Amazônia, Caatinga, Mata Atlântica, Pampa	[1]
85	hortelã	<i>Mentha × villosa</i>	Lamiaceae	Exótica	Europa	[1]
125	inhame/taioaba	<i>Colocasia esculenta</i>	Araceae	Exótica	Ásia	[2]
86	jaborandi	<i>Pilocarpus microphyllus</i>	Rutaceae	Nativa	Amazônia, Caatinga	[2]
87	jambú	<i>Acmella oleracea</i>	Asteraceae	Nativa/Naturalizada?	Amazônia, Mata Atlântica	[2]
88	jaqueira	<i>Artocarpus heterophyllus</i>	Moraceae	Exótica	Ásia	[2]
90	lágrima-de-nossa-senhora	<i>Coix lacryma-jobi</i>	Poaceae	Exótica	Ásia	[1]
66	lança-de-são-jorge	<i>Dracaena angolensis</i> (sin. <i>Sansevieria cylindrica</i>)	Asparagaceae	Exótica	África	[1] [2]
91	laranjeira	<i>Citrus x aurantium</i>	Rutaceae	Exótica	Ásia	[1]
92	língua-de-exu/aranto	<i>Kalanchoe laetivirens</i>	Crassulaceae	Exótica	África (Madagáscar)	[2]
93	língua-de-vaca	<i>Elephantopus mollis</i>	Asteraceae	Nativa	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	[2]
94	losna	<i>Artemisia absinthium</i>	Asteraceae	Exótica	África, Ásia, Europa	[1]
95	malva	<i>Malva sylvestris</i>	Malvaceae	Exótica	África, Ásia, Europa	[1]
96	mamona	<i>Ricinus communis</i> (sin. <i>Ricinus sanguineus</i>)	Euphorbiaceae	Exótica	África	[2]
97	mangueira	<i>Mangifera indica</i>	Anacardiaceae	Exótica	Ásia	[1] [2]
98	manjerição	<i>Ocimum americanum</i>	Lamiaceae	Exótica	África, Ásia, Oceania	[1]
10	manjerição/alfavaca	<i>Ocimum basilicum</i> (sin. <i>Ocimum thrysiflorum</i>)	Lamiaceae	Exótica	Ásia, Oceania	[2]
99	maracujazeiro	<i>Passiflora edulis</i>	Passifloraceae	Nativa	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	[2]
100	marmelinho	<i>Myriopus paniculatus</i> (sin. <i>Tournefortia paniculata</i>)	Boraginaceae	Nativa	Cerrado, Mata Atlântica, Pampa	[1]
101	milho	<i>Zea mays</i>	Poaceae	Exótica	América Central	[2]
102	moranga	<i>Cucurbita moschata</i>	Cucurbitaceae	Exótica	América Central	[1]
103	noz-de-cola	<i>Cola acuminata</i>	Malvaceae	Exótica	África	[2]

#	Nome popular	Nome científico	Família	Origem (N/E)	Bioma/região de origem	Fonte
104	olho-de-boi	<i>Talisia esculenta</i>	Sapindaceae	Nativa	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	[1]
105	ora-pro-nobis	<i>Pereskia aculeata</i>	Cactaceae	Nativa	Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa	[1]
65	oriri/erva-de-jabuti	<i>Peperomia pellucida</i>	Piperaceae	Nativa	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	[2]
106	orobó	<i>Garcinia kola</i>	Clusiaceae	Exótica	África	[2]
107	palma-de-santa-rita	<i>Gladiolus grandiflorus</i> (<i>Gladiolus x hortulanus</i>)	Iridaceae	Exótica	África	[1]
108	panaceia/barba-de-bode	<i>Solanum cernuum</i>	Solanaceae	Nativa	Cerrado, Mata Atlântica	[2]
109	pata-de-vaca	<i>Bauhinia forficata</i>	Fabaceae	Nativa	Mata Atlântica, Pampa	[1]
110	pau-d'alho	<i>Gallesia integrifolia</i>	Phytolaccaceae	Nativa	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	[1]
111	pau-ferro	<i>Libidibia ferrea</i> (sin. <i>Caesalpinia ferrea</i>)	Fabaceae	Nativa	Caatinga	[1]
112	peregum/pau-d'água	<i>Dracaena fragrans</i> (sin. <i>Dracaena deremensis</i>)	Asparagaceae	Exótica	África	[2]
114	picão-preto	<i>Bidens pilosa</i>	Asteraceae	Nativa/Naturalizada?	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	[1]
115	pimenta	<i>Capsicum sp.</i>	Solanaceae	Nativa	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	[1]
113	pinhão-roxo	<i>Jatropha gossypifolia</i>	Euphorbiaceae	Nativa	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	[1] [2]
116	pitoco	<i>Pluchea sp.</i>	Asteraceae	Nativa	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa	[1]
117	quaresmeira	<i>Pleroma granuloseum</i> (sin. <i>Tibouchina granulosa</i>)	Melastomataceae	Nativa	Mata Atlântica	[1]
118	quebra-pedra	<i>Phyllanthus niruri</i>	Phyllanthaceae	Nativa	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa	[1]
89	quebra-tudo/vence-demanda	<i>Rhinacanthus nasutus</i> var. <i>nasutus</i> (sin. <i>Justicia gendarussa</i>)	Acanthaceae	Exótica	Ásia	[2]
119	romã	<i>Punica granatum</i>	Lythraceae	Exótica	Ásia	[2]
120	rosas	<i>Rosa sp.</i>	Rosaceae	Exótica	América do Norte, Ásia, África, Europa	[1]
121	salsa	<i>Petroselinum crispum</i> subsp. <i>crocante</i> (sin. <i>Petroselinum sativum</i>)	Apiaceae	Exótica	Europa	[1]
122	samambaia	<i>Christella dentata</i> (sin. <i>Thelypteris dentata</i>)	Thelypteridaceae	Exótica	África, Ásia, Europa, Oceania	[1]
123	sete-sangrias	<i>Cuphea carthagenensis</i>	Lythraceae	Nativa	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	[1]
124	sucupira	<i>Pterodon emarginatus</i>	Fabaceae	Nativa	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Pantanal	[1]
126	tanchagem	<i>Plantago major</i>	Plantaginaceae	Exótica	Europa, África, Ásia	[1]
127	tento	<i>Adenantha pavonina</i>	Fabaceae	Exótica	Ásia, Oceania	[1]

#	Nome popular	Nome científico	Família	Origem (N/E)	Bioma/região de origem	Fonte
128	tomateiro	<i>Solanum lycopersicum</i>	Solanaceae	Exótica	Peru	[1]
129	trombeta	<i>Brugmansia suaveolens</i>	Solanaceae	Nativa/Naturalizada?	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa	[1]

Fonte: A tabela foi elaborada pela autora com base no levantamento bibliográfico.

Artigos científicos encontrados nas bases de dados com base na busca pelos termos: espécies * plantas * Umbanda * Minas Gerais * MG; e utilizados para construir a tabela:

[1] CARVALHO, Patrícia Aparecida, BARROS, Vanessa Maria de Souza, ZONTA; Pauline de Lima, SOUZA, Helton Nonato. Manutenção da tradição e do conhecimento sobre plantas medicinais em terreiros de Umbanda e Candomblé na Zona da Mata de Minas Gerais. *Cadernos de Agroecologia*, v. 10, n. 3, 2015.

[2] ALVES, Kenneri Cezarini Hernandez; POVH, Juliana Aparecida; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Etnobotânica de plantas ritualísticas na prática religiosa de matriz africana no município de Ituiutaba, Minas Gerais, Brasil. *Ethnoscience* V. 4, 2019.

O estudo de Pagnocca, Zank e Hanazaki (2020), realizado em Florianópolis, estado de Santa Catarina, uma região de Mata Atlântica, encontrou 86 espécies de plantas usadas em terreiros de Umbanda, Candomblé e Ritual de Almas e Angola, sendo que aproximadamente 50% dos terreiros investigados foram de Umbanda. Os autores contaram que 56 espécies de plantas são usadas por todas as religiões, e apenas 6 são exclusivas da Umbanda: *Pyrostegia venusta* (cipó-são-jão) - nativa, *Foeniculum vulgare* (cipó-funcho/funcho) - exótica, *Fragaria sp.* (morango) - exótica, *Peperomia pelucida* (erva-de-jabuti) - nativa, *Vernonia condensata* (assapeixe/assa-peixe) – nativa e *Pereskia aculeata* (ora-pro-nobis) - nativa. Sendo interessante notar que apenas o funcho e os morangos são exóticos. Dessas 6 espécies, 5 foram encontradas no presente levantamento realizado para Minas Gerais, sendo que apenas *Fragaria sp.* não foi registrada.

O trabalho de Pagnocca, Zank e Hanazaki (2020) considerou que as 16 espécies de plantas que foram citadas em todos os terreiros investigados e que foram encontradas na literatura em estudos de outras regiões do território nacional, possuem uma relevante importância cultural. Todas elas são utilizadas para liturgia e apenas sete para fins medicinais. São elas: 1. abre-caminho - *Lygodium volubile*; 2. comigo-ninguém-pode – *Dieffenbachia seguine*; 3. espada-de-iansã – *Sansevieria trifasciata* var. *laurentii*; 4. espada-de-são-jorge – *Sansevieria trifasciata*; 5. lança-de-ogum – *Sansevieria cylindrica*; 6. alecrim - *Rosmarinus officinalis*; 7. alfazema - *Lavandula angustifolia*; 8. boldo-de-oxalá - *Plectranthus barbatus*; 9. hortelã - *Mentha x villosa*; 10. lavanda - *Lavandula dentata*; 11. manjerição - *Ocimum basilicum*; 12. guiné - *Petiveria alliacea*; 13. arruda - *Ruta graveolens*; 14. fumo - *Nicotiana tabacum*; 15. pimenta-malagueta - *Capsicum frutescens*; 16. pimenta-dedo-de-moça - *Capsicum baccatum*. Dessas, apenas quatro são nativas: abre-caminho, comigo-ninguém-pode, guiné e pimenta-dedo-de-moça.

Dentre essas espécies, a lavanda, *Lavandula dentata*, não constou entre os registros dos trabalhos aqui investigados. A espada-de-iansã, que é uma variedade de *Dracaena trifasciata* (sin. *Sansevieria trifasciata*), não foi especificada nos trabalhos consultados. A lança-de-ogum recebeu nome popular de lança de são-jorge nos trabalhos consultados. O manjerição apareceu representado pelas espécies *Ocimum basilicum* e *O. americanum*. E as pimentas apareceram aqui apenas com o nome genérico. Assim, podemos considerar que das 16 espécies, apenas a lavanda e a variedade da espada-de-iansã não apareceram nos registros pesquisados. Embora haja essas divergências, os dados sugerem a existência de um conjunto de espécies compartilhado entre estudos realizados em diferentes regiões do Brasil.

O estudo de Romanowski e Hanazaki (2025), através de uma revisão bibliográfica, reuniu dados de religiões afro-brasileiras de terreiros distribuídos por todo o Brasil, incluindo a Umbanda, para verificar se o uso de plantas similares entre os terreiros estaria relacionado à sua proximidade geográfica ou a padrões culturais. Essa revisão incluiu os três trabalhos levantados para o presente estudo para o estado de Minas Gerais (lembrando que um deles foi descartado de nossa análise) e totalizou 643 espécies vegetais, sendo 51,5% nativas do Brasil e 48,5% exóticas. Essa proporção difere da verificada no presente trabalho, já que aqui foi registrada uma predominância de espécies exóticas (58,9%) em relação às nativas (41,1%), indicando que no escopo nacional há um maior número de espécies nativas envolvidas nas práticas de religiões de matriz africana.

As espécies que apareceram no maior número de terreiros (entre 50 e 83% dos terreiros) no levantamento de Romanowski e Hanazaki (2025) foram: arruda (*Ruta graveolens*), manga (*Mangifera indica*), colônia (*Alpinia zerumbet*), pitanga (*Eugenia uniflora*), pinhão-roxo (*Jatropha gossypifolia*), folha-da-fortuna (*Kalanchoe pinnata*), manjerição (*Ocimum basilicum*), guiné (*Petiveria alliacea*), romã (*Punica granatum*), alecrim (*Rosmarinus officinalis*) e diferentes espécies do gênero *Rosa*. Dessas, apenas a pitanga, o pinhão-roxo e a guiné são nativas do território nacional. Destaca-se que quatro dessas espécies (arruda, manjerição, guiné e alecrim), também constam na lista das 16 espécies de maior relevância cultural compartilhadas entre os terreiros de Santa Catarina e de estudos correlatos (Pagnocca; Zank; Hanazaki, 2020). A relevância dessas espécies foi confirmada no presente trabalho, que registrou 10 das 11 descritas acima. Entretanto, a pitanga não foi citada nos trabalhos consultados para Minas Gerais.

Esses dados demonstram que existe um conjunto de plantas que são importantes para as religiões de matriz africana em todo o país, expressando um eixo compartilhado entre os terreiros. Embora Romanowski e Hanazaki (2025) tenham verificado uma diferenciação florística moderada entre os biomas quanto às plantas utilizadas nos terreiros do Brasil, não há correlação entre as espécies utilizadas e a proximidade entre os terreiros. Os autores afirmam que os laços culturais possuem maior peso que a proximidade geográfica e que os terreiros se adaptam à diferentes regiões utilizando plantas de determinadas linhagens evolutivas, com características sensoriais similares. Esse conjunto de plantas compartilhadas aponta para uma unidade entre esses grupos religiosos e sua capacidade de resiliência cultural.

Nossos resultados mostram que, nos trabalhos consultados para Minas Gerais, a Mata Atlântica e o Cerrado são os biomas com maior número de espécies nativas, seguidos pela Caatinga e pela Amazônia (Tabela 2).

Tabela 2: Distribuição das espécies nativas nos biomas brasileiros.
Uma espécie pode ser contabilizada em mais de um bioma.

Bioma brasileiro	Nº de espécies nativas
Amazônia	31
Caatinga	33
Cerrado	43
Mata Atlântica	44
Pampa	27
Pantanal	14

Fonte: A tabela foi elaborada pela autora com base nas espécies do levantamento bibliográfico.

Segundo o IBGE (2019), o estado de Minas Gerais está inserido em três biomas principais: Mata Atlântica, Cerrado e Caatinga, sendo que no presente trabalho foram analisados dados de terreiros localizados na Mata Atlântica e no Cerrado, o que pode justificar a predominância de espécies desses biomas. O fato de a Mata Atlântica ter sido o primeiro bioma ocupado na colonização do Brasil e ser o mais biodiverso do estado (Brasil, 2018), ainda pode ser um dos motivos pelos quais há maior abundância de espécies deste bioma. Por ter sido a primeira área explorada, suas plantas foram as primeiras a serem conhecidas, estudadas e incorporadas aos saberes populares e religiosos (Albuquerque, 2006). Dado que coincide com a maior parte dos terreiros de religiões afro-brasileiras terem sido encontrados em regiões de Mata Atlântica (Romanowski; Hanazaki, 2025).

Quanto às espécies exóticas, a Ásia se destacou como principal fonte de espécies utilizadas em terreiros de Umbanda em Minas Gerais (Tabela 3), semelhante ao que foi encontrado por Pagnocca, Zank e Hanazaki (2020) para a região de Florianópolis. Ao avaliar a origem das 86 espécies encontradas por esses autores, eles verificaram que 45 espécies (52%) são de origem Euroasiática, 32 (37%) de origem Neotropical e 9 (10%) de origem Africana. Embora não tenha sido utilizado o mesmo sistema de classificação para a origem das espécies no presente trabalho, aqui há um maior número de espécies Neotropicais utilizadas nos terreiros de Minas Gerais, sendo: 59 (45,7%) são de origem Euroasiática, 67 (51,9%) são de origem Neotropical, incluindo as brasileiras, e 31 (24%) de origem Africana. Ressalta-se que no presente estudo uma mesma espécie pode ser contabilizada em mais de um continente quando

apresenta origem em múltiplas regiões, razão pela qual a soma percentual pode ultrapassar 100%.

Tabela 3: Distribuição das espécies exóticas em diferentes continentes.
Uma espécie pode ter sido contabilizada em mais de um continente.

Continente de origem	Nº de espécies exóticas
África	31
América Central	8
América do Norte	2
América do Sul	6
Ásia	43
Europa	16
Oceania	13

Fonte: A tabela foi elaborada pela autora com base nas espécies do levantamento bibliográfico.

A predominância de espécies asiáticas e europeias reflete o processo histórico de introdução de plantas no Brasil, aliado à capacidade das comunidades de terreiro em adaptar e ressignificar espécies que apresentam características sensoriais, aromáticas ou funcionais equivalentes às de origem africana (Romanowski; Hanazaki, 2025). Embora o número de espécies africanas seja bem inferior ao número de espécies euroasiáticas, ele ainda é bem superior ao encontrado para o estado de Santa Catarina (Pagnocca; Zank; Hanazaki, 2020). A presença de plantas africanas mantém coerência com a matriz cultural da Umbanda e das demais religiões de matriz africana, sendo mantidas e valorizadas apesar das dificuldades históricas de transporte e introdução durante o período escravista (Voeks, 1993 *apud* Pagnocca; Zank; Hanazaki, 2020).

Por outro lado, o fato de muitas das espécies nativas já serem conhecidas e usadas pelos povos indígenas, facilitou o conhecimento de suas propriedades medicinais e espirituais pelos povos de matriz africana, favorecendo uma mistura de saberes (Albuquerque *et al.*, 2010). Segundo Romanowski e Hanazaki (2025), o fato de religiões de matriz africana utilizarem plantas de outros países, como as Euroasiáticas e Neotropicais, não significa ter perdido a identidade, mas sim uma forma de se adaptar e manter os costumes, escolhendo o que serve por suas características e pelo seu sentido espiritual. Um ponto a ser ressaltado é que a guiné, nativa dos Neotrópicos, também é utilizada na África Ocidental para fins semelhantes, sendo um indício do intercâmbio de conhecimentos entre os praticantes de religiões de matriz africana (Pagnocca; Zank; Hanazaki, 2020).

Sobre o histórico de introdução das plantas exóticas em território brasileiro, verificou-se que a maioria das espécies foi introduzida devido ao uso alimentar e medicinal (45 espécies), sendo que a maior parte dessas espécies (30 espécies) é proveniente do continente asiático (Tabela 4), tendo sido trazidas principalmente pelos colonizadores portugueses (Anexo I). Não foram verificadas espécies introduzidas com propósito exclusivamente religioso, sendo o uso medicinal o que mais apareceu conjugado a esta categoria (Tabela 4). Somando-se as categorias em que o uso religioso foi registrado, totalizou-se 20 espécies, sendo 11 provenientes do continente africano, trazidas pelos povos escravizados, seguidas por 6 do continente asiático (Tabela 4, Anexo I). Ainda houve categorias de uso medicinal e ornamental, bem como aromática e/ou ornamental, de origem predominantemente asiática (Tabela 4).

Tabela 4: Distribuição das espécies exóticas quanto ao seu uso. Uma espécie pode ter sido contabilizada em mais de um continente. O total se refere ao número de espécies.

Usos	Am. Central e do Sul	Am. Norte	África	Ásia	Europa	Oceania	Total
Alimentar	3	1	1	8		3	13
Medicinal	3		7	7	5		13
Alimentar e Medicinal	1		8	15	7	5	19
Alimentar e Religioso	1		1				2
Medicinal e Religioso	1		6	2	1		10
Medicinal e Ornamental			1	3		1	5
Religioso, Aromática e Ornamental	1	1	4	4	1	1	8
Aromática e/ou Ornamental			2	4	2	3	6

Fonte: A tabela foi elaborada pela autora com base nas espécies do levantamento bibliográfico.

A predominância de espécies alimentares e medicinais de origem asiática pode ser um reflexo da relação mais antiga do povo europeu com o continente asiático e as plantas ali cultivadas. Nossos dados ainda corroboram o fato de a maioria das espécies africanas serem as utilizadas para fins litúrgicos/religiosos, evidenciando a manutenção de seu significado e da sua importância nos rituais (Pagnocca; Zank; Hanazaki, 2020; Romanowski; Hanazaki, 2025).

Embora não tenha sido objetivo do trabalho analisar os usos das plantas de terreiro, fica claro na análise das espécies exóticas, a importância de plantas medicinais para essas comunidades. Essas plantas sustentaram a saúde e o bem-estar dessas comunidades, que geralmente são as mais pobres e marginalizadas. O que nos leva a refletir sobre o processo de desqualificação do saber popular sobre as plantas medicinais, diante de uma ciência ocidental que, por vezes, se coloca como a única detentora da verdade (Silva, 2010). Essa desvalorização está profundamente ligada aos interesses do capital, que historicamente busca se apropriar do conhecimento tradicional, isolar princípios ativos das plantas e transformá-los em produtos

patenteados (Silva, 2010). Ao invés de unir-se a esses saberes, somando ciência e tradição em benefício da população, opta-se por apagar a origem e invalidar o saber ancestral.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fato de não terem sido encontrados trabalhos que tratassem exclusivamente da Umbanda em Minas Gerais evidencia uma lacuna na pesquisa científica voltada para essa vertente religiosa. Nesse sentido, embora não tenha sido possível detalhar os registros relativos à Umbanda, o presente trabalho apresenta dados inéditos para o estado sobre a origem das espécies. Concluímos que o repertório de plantas utilizadas na Umbanda em Minas Gerais compartilha alguns elementos comuns ao observado para religiões de matriz africana em outras regiões do Brasil e, segundo Romanowski e Hanazaki (2025) a escolha das espécies está muito mais ligada aos vínculos culturais transmitidos ao longo de gerações do que apenas à disponibilidade de plantas em cada bioma. Entretanto, este trabalho apresentou uma predominância de espécies exóticas, bem como o verificado em Santa Catarina (Pagnocca; Zank; Hanazaki, 2020), o que difere do padrão nacional que apresentou uma predominância de espécies nativas (Romanowski; Hanazaki, 2025). Além disso, diferenças pontuais podem ser reflexo da biodiversidade própria de cada território, das tradições locais e da forma como os saberes foram sendo adaptados e ressignificados pelas comunidades de terreiro.

A presença de espécies de plantas exóticas em religiões de matriz africana e especificamente na Umbanda, que é uma religião originalmente brasileira, não é considerada um tipo de aculturação, mas sim uma estratégia de continuidade espiritual, através de um conhecimento botânico sofisticado transmitido entre gerações (Romanowski; Hanazaki, 2025). Portanto, embora haja na atualidade um importante movimento de valorização da flora nativa também em ambientes urbanos (Cardim, 2022), o qual beneficia não só a flora, mas a cultura de um país, este trabalho nos faz perceber a importância de se levar em consideração a miscigenação cultural do Brasil na tomada de decisões. Como seres que também fazem parte da natureza, com suas identidades historicamente construídas, devemos encontrar caminhos para que haja respeito pelas diferentes vertentes culturais e formas de vida.

Este estudo contribui para a valorização e visibilidade dos saberes dos terreiros como patrimônio cultural imaterial, reforçando que a ciência verdadeiramente comprometida com a sociedade não deve se colocar acima dos saberes populares, mas caminhar lado a lado com eles, respeitando, valorizando e somando forças. No fim, a escolha das plantas não segue apenas

mapas ou regras, ela segue a fé, a gratidão e a vontade de manter viva a história de um povo que, mesmo com tantas dificuldades, sempre soube encontrar beleza, cura e força na natureza.

5. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de; ANDRADE, Laise de Holanda Cavalcanti. As plantas na medicina e na magia dos cultos afro-brasileiros. In: ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de; ALMEIDA, Cecília de Fátima Castelo Branco Rangel de; MARINS, Joelma de Fátima Andrade (org.). **Tópicos em conservação, etnobotânica e etnofarmacologia de plantas medicinais e mágicas**. Recife: NUPEEA; Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2005. p. 51-76.

ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de. Repertório etnobotânico e uso ritual de plantas em religiões afro-brasileiras. **Acta Botanica Brasilica**, v. 20, n. 3, p. 549–560, 2006.

ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de *et al.* **Etnobotânica: conceitos, métodos e aplicações**. Recife: NUPEEA, 2010.

ALVES, Kenneri Cezarini Hernandes; POVH, Juliana Aparecida; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Etnobotânica de plantas ritualísticas na prática religiosa de matriz africana no município de Ituiutaba, Minas Gerais, Brasil. **Ethnoscience** V. 4, 2019.

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações. **Plano de Ação em Ciência, Tecnologia e Inovação para os Biomas Brasileiros**. Brasília, DF: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2018. 48 p. Disponível em: https://antigo.mctic.gov.br/mctic/export/sites/institucional/ciencia/SEPED/Arquivos/PlanosDeAcao/PACTI_Biomas_Web.pdf. Acesso em: 24 jun. 2026.

CARDIM, Ricardo. **Paisagismo sustentável para o Brasil: integrando natureza e humanidade no século 21**. São Paulo: Olhares. 2022.

CARLESSI, Pedro Crepaldi. Dimensão e fluxo material das plantas em um terreiro de Umbanda. Avá. **Revista de Antropologia**, n. 27, p. 47-62, p. 186, 2015.

CARLESSI, Pedro Crepaldi. Jeitos, sujeitos e afetos: participação das plantas na composição de médiuns umbandistas. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.**, v. 12, n. 3, p. 855-868, 2017.

CARVALHO, Patrícia Aparecida, BARROS, Vanessa Maria de Souza, ZONTA; Pauline de Lima, SOUZA, Helton Nonato. Manutenção da tradição e do conhecimento sobre plantas medicinais em terreiros de Umbanda e Candomblé na Zona da Mata de Minas Gerais. **Cadernos de Agroecologia**, v. 10, n. 3, 2015.

ELEOTERIO, Isabele; BONOMO, Mariana. Processos identitários na Umbanda: pertença grupal e manifestação do sagrado **Fractal, Rev. Psicol.**, v. 36: e51586. 2024.

FLORA E FUNGA DO BRASIL. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/>. Acesso em: 24 jun. 2026.

GOMES, Nilma Lino; DANTAS, Heloísa; CATÃO, Ana Maria. **Educação e diversidade cultural**: o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Biomass e sistema de vegetação do Brasil: Minas Gerais**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 24 jun. 2026.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

PAGNOCCA, Tiago Santos; ZANK, Sofia; HANAZAKI, Natalia. “The plants have axé”: investigating the use of plants in Afro-Brazilian religions of Santa Catarina Island. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 16, n. 20. 2020. DOI: 10.1186/s13002-020-00372-6. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC7183622/>. Acesso em: 17 mar. 2026.

PENTEADO, Flávio. **Umbanda**: uma religião sem fronteira. São Paulo: Nova Senda, 2015.

PINHEIRO, Letícia Rodrigues; POVH, Juliana Aparecida; CALÁBRIA, Luciana Karen. As plantas nos rituais de Candomblé na saúde do corpo, da mente e do espírito: Com destaque ao município de Ituiutaba, MG. **Brazilian Geographical Journal: Geosciences and Humanities Research Medium**, v. 12, n. 2, p. 51-78, 2021.

ROMANOWSKI, Luciele Leonhardt; HANAZAKI, Natalia. Between leaves and branches: floristic, phylogenetic and spatial diversity of plants used by the povo de terreiro in Brazil. **Research Square** (Preprint), 2025. Disponível em: Research Square Preprint. DOI: <https://doi.org/10.21203/rs.3.rs-7762716/v1>

SANTOS, Vanderlei de. **Racismo religioso no Brasil**: entre a marginalização e a resistência. São Paulo: Pólen, 2010.

SILVA, Márcia Regina Faria. **Ciência, Natureza e Sociedade**: diálogo entre saberes. São Paulo: Editora Livraria da Física. 2010.

ANEXO I

Sobre o histórico de introdução das plantas exóticas em território brasileiro, a lista abaixo apresenta um pouco do que pôde ser resgatado a este respeito.

1-Abacate (*Persea americana*)

É originário da América Central e foi amplamente difundido em regiões tropicais devido ao valor alimentar de seus frutos. No Brasil, adaptou-se facilmente às condições climáticas, tornando-se comum em pomares domésticos e cultivos comerciais. Fonte: Lorenzi (2002)

2-Acoco-africano (*Newbouldia laevis*)

É uma espécie originária da África tropical, introduzida em diferentes regiões devido ao seu uso ornamental e medicinal. Em comunidades tradicionais, é frequentemente associada a práticas culturais e religiosas, especialmente em cultos de matriz africana. Fonte: Burkill (1985)

3-Agrião (*Rorippa nasturtium-aquaticum* (sin. *Nasturtium officinale*))

É uma hortalica originária da Europa e da Ásia, introduzida no Brasil para alimentação humana. Cultivado principalmente em ambientes úmidos, tornou-se amplamente utilizado na culinária e em práticas populares relacionadas à saúde. Fonte: Lorenzi; Matos (2008)

4-Alecrim (*Salvia rosmarinus* (sin. *Rosmarinus officinalis*))

É originário da região do Mediterrâneo e foi introduzido no Brasil devido ao seu uso medicinal, aromático e culinário. Seu cultivo tornou-se comum em jardins domésticos e hortas medicinais, sendo amplamente utilizado em preparações tradicionais. Fonte: Lorenzi; Matos (2008)

5-Alface (*Lactuca sativa*)

É uma hortalica originária da Ásia Ocidental e do Mediterrâneo, amplamente cultivada em todo o mundo para consumo alimentar. No Brasil, tornou-se uma das principais espécies folhosas produzidas e consumidas. Fonte: Filgueira (2013)

6-Alfazema (*Lavandula angustifolia*)

É originária da região mediterrânea e foi introduzida em diversos países devido ao valor ornamental e aromático. Seu uso está associado à produção de óleos essenciais, perfumaria e práticas populares de bem-estar. Fonte: Lorenzi; Souza (2001)

7-Algodão (*Gossypium hirsutum*)

É originário das Américas e foi amplamente difundido devido à importância econômica de suas fibras. Além do uso têxtil, algumas partes da planta são empregadas em práticas tradicionais de medicina popular. Fonte: Souza; Lorenzi (2019)

8-Alho-roxo (*Allium sativum*)

É originário da Ásia Central e está entre as espécies cultivadas mais antigas da humanidade. No Brasil, é amplamente utilizado na culinária e na medicina popular devido às suas propriedades aromáticas e terapêuticas. Fonte: Lorenzi; Matos (2008)

9-Amora (*Morus nigra*)

É originária da Ásia e foi introduzida em diversas regiões do mundo para produção de frutos e criação do bicho-da-seda. No Brasil, é cultivada tanto para alimentação quanto para usos medicinais tradicionais. Fonte: Lorenzi (2006)

10-Angélica (*Polianthes tuberosa*)

É originária do México e foi difundida mundialmente devido ao valor ornamental e ao perfume de suas flores. No Brasil, é cultivada em jardins e utilizada em práticas culturais e religiosas. Fonte: Lorenzi; Souza (2001)

11-Arruda (*Ruta graveolens*)

É originária da região mediterrânea e foi introduzida no Brasil por colonizadores europeus. Além do uso medicinal tradicional, tornou-se amplamente associada a práticas culturais e crenças populares relacionadas à proteção espiritual. Fonte: Lorenzi; Matos (2008)

12- Babosa (*Aloe vera*)

É originária da Península Arábica, foi trazida à América pelas missões espanholas e rapidamente incorporada como planta de cura pelas populações indígenas. Era transportada em embarcações por conta da alta resistência de suas folhas (que retêm água por muito tempo) e pela sua utilidade farmacológica em curar feridas da tripulação. Também cultivada como ornamental. Fonte: Cordeiro (2020); Lorenzi; Matos (2008)

13-Bálsamo (*Cotyledon orbiculata*)

É uma espécie suculenta originária da África Austral, introduzida em diversas regiões devido ao seu valor ornamental e ao uso medicinal tradicional. No Brasil, é cultivado em jardins e quintais, sendo frequentemente empregado em práticas populares relacionadas ao tratamento de afecções cutâneas e inflamações. Fonte: Lorenzi; Matos (2008)

14-Bananeira (*Musa sp.*)

É originária do sudeste asiático e foi amplamente difundida nas regiões tropicais devido à importância alimentar de seus frutos. No Brasil, encontra-se entre as culturas mais cultivadas, sendo também utilizada em práticas medicinais e culturais tradicionais. Fonte: Lorenzi (2006)

15- Batata doce (*Ipomoea batatas*)

É originária da América Central e do Norte da América do Sul e parece ter chegado ao Brasil antes dos colonizadores. É um importante alimento para os povos indígenas das Américas, também sendo utilizada em seus rituais, sendo incorporada posteriormente aos rituais das religiões de matriz africana. Fonte: Cordeiro (2020)

16-Boldo (*Peumus boldus*)

É originário do Chile e foi introduzido em diversos países devido às suas propriedades medicinais. Suas folhas são amplamente utilizadas na medicina popular, especialmente em preparações destinadas ao auxílio das funções digestivas e hepáticas. Fonte: Lorenzi; Matos (2008)

17-Boldo-graúdo (*Coleus amboinicus* (sin. *Plectranthus amboinicus*))

É uma espécie originária da Ásia Tropical, amplamente cultivada devido ao uso medicinal e condimentar. Adaptou-se facilmente ao clima brasileiro, sendo frequentemente encontrada em hortas domésticas e jardins medicinais. Fonte: Lorenzi; Matos (2008)

18-Boldo-miúdo (*Coleus comosus* (sin. *Plectranthus ornatus*))

É originário da África e foi introduzido no Brasil devido às suas propriedades medicinais. É amplamente cultivado em quintais e jardins domésticos, sendo utilizado tradicionalmente em preparações populares voltadas ao tratamento de distúrbios digestivos. Fonte: Lorenzi; Matos (2008)

19-Bucha-vegetal (*Luffa aegyptiaca*)

É originária da Ásia Tropical e foi introduzida no Brasil devido aos múltiplos usos de seus frutos. Quando maduros e secos, são amplamente empregados como esponjas vegetais, além de possuírem aplicações tradicionais em práticas medicinais populares. Fonte: Lorenzi (2008)

20-Cajá-manga (*Spondias dulcis*)

É originário da Polinésia e foi introduzido em diversas regiões tropicais devido ao valor alimentar de seus frutos. No Brasil, é cultivado em quintais e pomares domésticos, sendo apreciado para consumo in natura e na produção de sucos e doces. Fonte: Lorenzi (2006)

21- Calanchoê/saião (*Kalanchoe crenata* (sin. *Kalanchoe brasiliensis*))

É de origem africana e chegou ao Brasil trazida pelos povos escravizados. É utilizada nos rituais religiosos de matriz africana. Fonte: Santos (2023)

22- Cana-de-macaco/cana-do-brejo (*Costus spicatus*)

É originária da América central com longo histórico de uso tradicional na medicina popular indígena e afro-brasileira. Fonte: Laurintino (2020)

23- Cana-miúda (*Matricaria chamomilla* (sin. *Matricaria recutita*))

Originária da Europa e Ásia Ocidental, introduzida por propriedades medicinais, amplamente usada em infusões. Fonte: Lorenzi; Matos (2008)

24-Canela (*Cinnamomum zeylanicum*)

É originária do Sri Lanka e de outras regiões do sul da Ásia. Foi introduzida em diversos países devido ao valor culinário e medicinal de sua casca, tornando-se uma das especiarias mais utilizadas no mundo. Fonte: Lorenzi; Matos (2008)

25-Capim-cidreira (*Cymbopogon citratus*)

É originário da Ásia Tropical e foi amplamente difundido devido às propriedades aromáticas e medicinais. No Brasil, é cultivado em hortas domésticas e jardins medicinais, sendo utilizado tradicionalmente na preparação de infusões. Fonte: Lorenzi; Matos (2008)

26-Cará-do-ar (*Dioscorea bulbifera*)

É originário da Ásia e da África tropical, tendo sido introduzido em diversas regiões devido ao potencial alimentício de seus tubérculos e bulbilhos. Adaptou-se facilmente a ambientes tropicais, tornando-se comum em cultivos domésticos. Fonte: Kinupp; Lorenzi (2021)

27-Cinamomo (*Melia azedarach*)

É originário da Ásia e foi introduzido no Brasil como espécie ornamental e para arborização urbana. Sua rápida adaptação favoreceu a ampla distribuição em diversas regiões do país. Fonte: Lorenzi (2003)

28-Cipó-funcho (*Foeniculum vulgare*)

É originário da região mediterrânea e foi introduzido no Brasil devido ao uso medicinal, aromático e culinário. Suas folhas, sementes e inflorescências são amplamente empregadas em preparações tradicionais. Fonte: Lorenzi; Matos (2008)

29-Cipó-São-Caetano (*Momordica charantia*)

É originário da Ásia Tropical e foi amplamente disseminado em regiões tropicais devido aos usos alimentares e medicinais. No Brasil, tornou-se frequente em quintais e áreas cultivadas. Fonte: Lorenzi; Matos (2008)

30-Colônia (*Alpinia speciosa*)

É originária do sudeste asiático e foi introduzida no Brasil devido ao valor ornamental e medicinal. Suas folhas e flores são utilizadas em práticas tradicionais, além de ser amplamente cultivada em jardins tropicais. Fonte: Lorenzi; Matos (2008)

31-Confrei (*Symphytum officinale*)

É originário da Europa e da Ásia e foi introduzido no Brasil devido ao uso medicinal tradicional. Seu cultivo tornou-se comum em hortas medicinais e jardins domésticos, especialmente em comunidades que preservam conhecimentos fitoterápicos. Fonte: Lorenzi; Matos (2008)

32-Coqueiro (*Cocos nucifera*)

É originário da região Indo-Pacífica e foi amplamente difundido pelos trópicos devido à importância alimentar, econômica e cultural de seus frutos. No Brasil, tornou-se uma das espécies mais características das regiões costeiras. Fonte: Lorenzi (2006)

33-Cravo (*Syzygium aromaticum*)

É originário das Ilhas Molucas, na Indonésia, e foi introduzido em diversos países devido ao valor culinário, medicinal e aromático de seus botões florais. É uma das especiarias mais tradicionais utilizadas em preparações alimentícias e medicinais. Fonte: Lorenzi; Matos (2008)

34-Dendezeiro (*Elaeis guineensis*)

É originário da África Ocidental e foi introduzido no Brasil durante o período colonial. A espécie possui grande importância econômica devido à produção de óleo de palma, além de relevância cultural e religiosa em comunidades de matriz africana. Fonte: Lorenzi (2006)

35-Elevente (*Mentha spicata*)

É originário da Europa e da Ásia, sendo amplamente cultivado devido às propriedades aromáticas e medicinais. No Brasil, tornou-se comum em hortas domésticas e jardins medicinais, sendo utilizado tradicionalmente na preparação de infusões e condimentos. Fonte: Lorenzi; Matos (2008)

36-Erva-capitão (*Polyscias scutellaria*)

É originária das ilhas do Pacífico e do sudeste asiático. Foi introduzida em diversas regiões tropicais devido ao valor ornamental e ao uso tradicional em práticas medicinais e culturais, sendo frequentemente cultivada em jardins e quintais. Fonte: Burkill (1985)

37-Erva-cidreira (*Melissa officinalis*)

É originária da região mediterrânea e foi introduzida no Brasil devido às suas propriedades medicinais e aromáticas. Seu cultivo tornou-se comum em hortas medicinais, sendo amplamente utilizada em infusões e preparações tradicionais. Fonte: Lorenzi; Matos (2008)

38-Espada-de-Santa-Bárbara *Dracaena zeylanica* (sin. *Sansevieria zeylanica*)

É originária da África ocidental e foi trazida por povos escravizados vindos do continente africano durante o período colonial. É considerada uma planta sagrada pelo povo Iorubá. Marques; Rocha; Cordeiro (2020)

39-Espada-de-São-Jorge (*Dracaena trifasciata* (sin. *Sansevieria trifasciata*))

É originária da África Ocidental e foi amplamente difundida como planta ornamental devido à rusticidade e facilidade de cultivo. Além do uso decorativo, possui forte presença em práticas culturais e religiosas associadas à proteção espiritual. Fonte: Lorenzi; Souza (2001)

40-Estrelinha-do-brejo (*Hedychium coronarium*)

É originária da Ásia Tropical e foi introduzida no Brasil devido ao valor ornamental e ao perfume característico de suas flores. Adaptou-se facilmente a ambientes úmidos, tornando-se frequente em jardins e áreas alagadas. Fonte: Lorenzi; Souza (2001)

41-Eucalipto (*Eucalyptus* sp.)

É originário da Austrália e foi introduzido no Brasil para fins florestais, ornamentais e econômicos. Atualmente é amplamente cultivado devido ao rápido crescimento e à utilização da madeira, além do emprego tradicional das folhas em preparações medicinais. Fonte: Lorenzi (2003)

42-Falsa murta - Cafezeira (*Murraya paniculata*)

É uma espécie originária da Ásia tropical, amplamente cultivada como planta ornamental devido à beleza de suas flores perfumadas e à formação de cercas vivas. Sua introdução no Brasil ocorreu principalmente para fins paisagísticos, sendo comum em jardins e áreas urbanas. Fonte: Lorenzi; Souza (2001)

43- Fava-de-aridan (*Tetrapleura tetráptera*)

Originário da África Ocidental, introduzido em algumas comunidades brasileiras devido aos usos culinários, medicinais e religiosos de seus frutos. É especialmente valorizado em práticas de matriz africana. Fonte: Burkill (1985)

44-Feijão-guandu (*Cajanus cajan*)

É originário da Índia e foi amplamente difundido em regiões tropicais devido à sua importância alimentar, forrageira e agrícola. No Brasil, é cultivado em quintais, hortas e sistemas agroecológicos, sendo utilizado tanto na alimentação quanto na melhoria da fertilidade do solo. Fonte: Filgueira (2013)

45-Folha-da-fortuna (*Kalanchoe brevicalyx* (sin. *Bryophyllum pinnatum*))

É originária de Madagascar e foi introduzida em diversas regiões tropicais devido às suas propriedades medicinais e ao fácil cultivo. No Brasil, é amplamente encontrada em quintais e jardins domésticos, sendo utilizada em práticas populares de cuidado à saúde. Fonte: Lorenzi; Matos (2008)

46- Fumo (*Nicotiana tabacum*)

É originária da Bolívia e chegou ao Brasil antes da colonização europeia, trazida pelas migrações de povos indígenas. A planta possui caráter sagrado para os povos indígenas das Américas, sendo utilizado com fins medicinais. Fonte: Micheli; Izaguirre-Ávila (2005)

47-Gengibre (*Zingiber officinale*)

É originário do sudeste asiático e foi amplamente difundido devido às suas propriedades medicinais, aromáticas e culinárias. No Brasil, é cultivado em diversas regiões e utilizado tradicionalmente em preparações alimentícias, infusões e práticas populares relacionadas ao cuidado da saúde. Fonte: Lorenzi; Matos (2008)

48-Girassol (*Helianthus annuus*)

É originário da América do Norte e foi difundido mundialmente devido ao valor ornamental, alimentar e econômico. No Brasil, é cultivado para produção de sementes e óleo, além de ser amplamente utilizado em jardins e paisagismo. Fonte: Filgueira (2013)

49- Goiabeira (*Psidium guajava*)

É originária do Peru e naturalizada no território brasileiro. Utilizada na alimentação e como planta medicinal. Fonte: Lorenzi; Matos (2008)

50-Hortelã (*Mentha villosa*)

É originária da Europa e foi introduzida no Brasil devido às suas propriedades medicinais e aromáticas. Seu cultivo tornou-se comum em hortas domésticas e jardins medicinais, sendo amplamente utilizada em infusões, preparações culinárias e práticas tradicionais de cuidado à saúde. Fonte: Lorenzi; Matos (2008)

51-Inhame/Taioba (*Colocasia esculenta*)

É originária da Ásia Tropical e foi amplamente disseminada devido ao valor alimentar de suas folhas e rizomas. No Brasil, é cultivada em quintais e sistemas agrícolas familiares, especialmente em regiões de clima úmido. Fonte: Kinupp; Lorenzi (2021)

52-Jaqueira (*Artocarpus heterophyllus*)

É originária do sul e sudeste da Ásia e foi introduzida em diversas regiões tropicais devido ao valor alimentar de seus frutos. No Brasil, adaptou-se facilmente às condições climáticas, tornando-se comum em quintais, pomares domésticos e áreas urbanas. Fonte: Lorenzi (2006)

53-Lágrima-de-Nossa-Senhora (*Coix lacryma-jobi*)

É originária da Ásia tropical e foi introduzida em diversas regiões do mundo devido ao valor ornamental e ao uso tradicional de suas sementes. No Brasil, é frequentemente cultivada em jardins e utilizada na confecção de adornos e objetos artesanais. Fonte: Lorenzi (2008)

54- Lança-de-são-jorge (*Dracaena angolensis* (sin. *Sansevieria cylindrica*))

É originária da África e foi introduzida no Brasil principalmente como planta ornamental. Sua resistência a diferentes condições ambientais favoreceu a ampla utilização em jardins, vasos e ambientes internos, além da associação com crenças populares de proteção espiritual. Fonte: Lorenzi; Souza (2001)

55-Laranjeira (*Citrus aurantium*)

É originária do sudeste asiático e foi introduzida no Brasil durante o período colonial. A espécie possui ampla importância alimentar, medicinal e econômica, sendo cultivada em diversas regiões do país para aproveitamento dos frutos e de seus derivados. Fonte: Lorenzi (2006)

56-Língua-de-Exu (*Kalanchoe laetivirens*)

É originária de Madagascar e foi introduzida em diversas regiões tropicais devido à facilidade de propagação e ao uso ornamental. Em algumas comunidades, a espécie também está associada a práticas culturais, religiosas e medicinais tradicionais. Fonte: Lorenzi; Souza (2001)

57-Losna (*Artemisia absinthium*)

É originária da Europa e da Ásia e foi introduzida no Brasil devido às propriedades medicinais e aromáticas. Seu uso tradicional está associado a preparações fitoterápicas e práticas populares transmitidas ao longo das gerações. Fonte: Lorenzi; Matos (2008)

58-Malva (*Malva sylvestris*)

É originária da Europa, Ásia e norte da África, sendo introduzida em diversas regiões do mundo devido às suas propriedades medicinais. No Brasil, é cultivada em hortas e jardins medicinais, sendo tradicionalmente utilizada em preparações populares relacionadas ao cuidado da saúde. Fonte: Lorenzi; Matos (2008)

59-Mamona (*Ricinus communis*)

É originária da África e foi amplamente difundida em regiões tropicais e subtropicais devido à produção de óleo extraído de suas sementes. No Brasil, encontra-se amplamente distribuída, possuindo importância econômica, medicinal e industrial. Fonte: Lorenzi (2008)

60-Mangueira (*Mangifera indica*)

É originária do sul da Ásia e foi introduzida no Brasil durante o período colonial. Devido ao valor alimentar e econômico de seus frutos, tornou-se amplamente cultivada em diversas regiões do país, adaptando-se facilmente às condições tropicais. Fonte: Lorenzi (2006)

61-Manjeriço (*Ocimum americanum*)

É originário da África e da Ásia tropical, sendo amplamente cultivado devido ao valor medicinal, aromático e culinário. No Brasil, é encontrado em hortas domésticas e jardins medicinais, onde é utilizado em práticas tradicionais e culturais. Fonte: Lorenzi; Matos (2008)

62- Manjeriço (*Ocimum basilicum* (sin. *Ocimum thyrsiflorum*))

É originária da Ásia e da África tropical, sendo amplamente cultivada devido às suas propriedades aromáticas, medicinais e culinárias. No Brasil, é frequentemente encontrada em hortas domésticas e jardins medicinais. Fonte: Lorenzi; Matos (2008)

63-Milho (*Zea mays*)

É originário das Américas e representa uma das espécies cultivadas mais importantes da história da humanidade. Embora seja nativo do continente americano, sua ocorrência fora da área de origem e sua ampla utilização agrícola favoreceram a disseminação global da espécie. No Brasil, é amplamente cultivado para alimentação humana, animal e usos industriais. Fonte: Filgueira (2013)

64-Moranga (*Cucurbita moschata*)

É originária da América Central e se espalhou pela América do Sul até alcançar o território brasileiro servindo de alimento para os povos indígenas. Fonte: Celestino (2021)

65-Noz-de-cola (*Cola acuminata*)

É originária da África Ocidental e foi introduzida em diferentes regiões devido à importância cultural, medicinal e estimulante de suas sementes. Em comunidades de matriz africana, a espécie possui relevância simbólica e ritualística. Fonte: Burkill (1985)

66-Orobó (*Garcinia kola*)

É uma espécie originária da África Ocidental, amplamente valorizada pelos usos medicinais, alimentares e culturais de suas sementes. Sua introdução no Brasil está associada principalmente à preservação de práticas tradicionais de origem africana. Fonte: Burkill (1985)

67-Palma-de-Santa-Rita (*Gladiolus hortulanus*)

É originária da África Austral e foi amplamente difundida devido ao valor ornamental de suas flores. No Brasil, é cultivada em jardins e utilizada em ornamentação paisagística e floral. Fonte: Lorenzi; Souza (2001)

68-Peregum (*Dracaena fragrans* (sin. *Dracaena deremensis*))

É originário da África Tropical e foi introduzido no Brasil como planta ornamental. Além do uso paisagístico, a espécie possui relevância cultural em práticas religiosas de matriz africana. Fonte: Lorenzi; Souza (2001)

69-Quebra-tudo (*Rhinacanthus nasutus* var. *nasutus* (sin. *Justicia gendarussa*))

É originária do sul e sudeste da Ásia e foi introduzida em diversas regiões tropicais devido às propriedades medicinais atribuídas à espécie. Em algumas comunidades brasileiras, também está associada a práticas culturais e religiosas. Fonte: Lorenzi; Matos (2008)

70-Romã (*Punica granatum*)

É originária da Ásia Ocidental e foi introduzida em diversas regiões devido ao valor alimentar, medicinal e simbólico de seus frutos. No Brasil, é cultivada em quintais e pomares domésticos, além de possuir relevância em práticas culturais tradicionais. Fonte: Lorenzi (2006)

71-Rosas (*Rosa* sp.)

São originárias principalmente da Ásia e foram amplamente difundidas devido ao elevado valor ornamental e cultural. No Brasil, são cultivadas em jardins, viveiros e áreas paisagísticas, sendo utilizadas também em práticas tradicionais e na produção de essências. Fonte: Lorenzi; Souza (2001)

72-Salsa (*Petroselinum sativum*)

É originária da região mediterrânea e foi introduzida no Brasil devido à ampla utilização culinária e medicinal. Seu cultivo tornou-se comum em hortas domésticas e sistemas de produção de hortaliças. Fonte: Filgueira (2013)

73- Samambaia (*Christella dentata* (sin. *Thelypteris dentata*))

É originária da região paleotropical e foi introduzida no Brasil por ser considerada ornamental. Fonte: Lorenzi (2008)

74-Tanchagem (*Plantago major*)

É originária da Europa e da Ásia e foi introduzida em diversas regiões do mundo devido às propriedades medicinais atribuídas à espécie. No Brasil, é amplamente utilizada em práticas tradicionais de medicina popular. Fonte: Lorenzi; Matos (2008)

75-Tento (*Adenanthera pavonina*)

É originário da Ásia Tropical e foi introduzido em diferentes regiões devido ao valor ornamental de suas sementes vermelhas e ao uso tradicional em práticas culturais. A espécie também é utilizada na arborização e em sistemas paisagísticos. Fonte: Lorenzi (2003)

76-Tomateiro (*Solanum lycopersicum*)

É originário das Américas e tornou-se uma das hortaliças mais cultivadas no mundo. No Brasil, possui ampla importância econômica e alimentar, sendo cultivado em diferentes sistemas de produção agrícola. Fonte: Filgueira (2013)

REFERÊNCIAS

BURKILL, Humphrey Morrison. **The useful plants of West tropical Africa**. 2. ed. Kew: Royal Botanic Gardens, 1985. v. 1.

CELESTINO, Mikaelly Fraga. **Análise da produção de abóbora (*Curcubita*) na região Nordeste**: uma revisão bibliográfica. 2021. 54 f. Monografia (Bacharelado em Engenharia Agrônoma) – Centro Universitário AGES, Paripiranga, 2021. Disponível em: <https://repositorio-api.animaeducacao.com.br/server/api/core/bitstreams/ec8ed156-eee0-42a8-bd09-a3c3f1311d0d/content>. Acesso em: 11 ago. 2026.

CORDEIRO, Sandra Zorat. ***Aloe vera* (L.) Burm.f.** Herbário Prof. Jorge Pedro Pereira Carauta (HUNI), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.unirio.br/ccbs/ibio/herbariohuni/aloe-vera-l-burm-f>. Acesso em: 10 ago. 2026.

FILGUEIRA, Fernando Antônio Reis. **Novo manual de olericultura: agrotecnologia moderna na produção e comercialização de hortaliças**. 3. ed. rev. e ampl. Viçosa: UFV, 2013.

KINUPP, Valdely Ferreira; LORENZI, Harri. **Plantas alimentícias não convencionais (PANC) no Brasil**: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2014.

LAURINTINO, Tháiris Karoline Silva. **Avaliação dos compostos bioativos e potencial antioxidante da folha e caule da cana do brejo (*Costus spicatus*) por diferentes métodos de extração**. 2020. 106 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Química) – Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/216320>. Acesso em: 11 ago. 2026.

LORENZI, Harri. **Árvores brasileiras**: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. 2. ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2002. v. 2.

LORENZI, Harri. **Árvores exóticas no Brasil**: madeiras, ornamentais e aromáticas. Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2003.

LORENZI, Harri et al. **Frutas brasileiras e exóticas cultivadas**: de consumo in natura. Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2006.

LORENZI, Harri. **Plantas daninhas do Brasil**: terrestres, aquáticas, parasitas e tóxicas. 4. ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2008.

LORENZI, Harri; MATOS, Francisco José de Abreu. **Plantas medicinais no Brasil**: nativas e exóticas. 2. ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2008.

LORENZI, Harri; SOUZA, Hermes Moreira de. **Plantas ornamentais no Brasil**: arbustivas, herbáceas e trepadeiras. 3. ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2001.

MARQUES, Natália Faria; ROCHA, Gilson Fagundes da; CORDEIRO, Sandra Zorat. *Sansevieria trifasciata* **Prain**. Herbário Prof. Jorge Pedro Pereira Carauta (HUNI), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.unirio.br/ccbs/ibio/herbariohuni/sansevieria-trifasciata-prain>. Acesso em: 10 ago. 2026.

MICHELI, Alfredo de; IZAGUIRRE-ÁVILA, Raúl. Tabaco y tabaquismo en la historia de México y de Europa. **Revista de Investigación Clínica**, v. 57, n. 4, p. 608-613, 2005. Disponível em: <https://scielo.unam.mx/pdf/ric/v57n4/v57n4a14.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2026.

SANTOS, Ana Carolina Clemente dos. **Mulheres que curam**: os saberes ritualísticos sobre uso de ervas das rezadeiras e benzedadeiras de Miguel Pereira, RJ. 2023. 113 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências, Ambiente e Sociedade) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2023. Disponível em: <http://www.bdt.d.uerj.br/handle/1/23081>. Acesso em: 10 ago. 2026.

SOUZA, Vinicius Castro; LORENZI, Harri. **Botânica sistemática**: guia ilustrado para identificação das famílias de Fanerógamas nativas e exóticas no Brasil em APG II. 2. ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2008.